

PRISMA ZINE

abril/2021 ©IFOTO

#02

M E C U N Ã

K É R U P I A N É

/ I M A G E N S

D E P O V O S

I N D Í G E N A S

D O C E A R Á



**I663P IFOTO, INSTITUTO DA FOTOGRAFIA. 2004 -
PRISMAZINE #02 : MECUNÃ KÉRUPI ANÉ /IMAGENS DE POVOS
INDÍGENAS DO CEARÁ / IFOTO - INSTITUTO DA FOTOGRAFIA -
FORTALEZA: EXPRESSÃO GRÁFICA, 2021.**

48P.

ISBN:

1. FOTOGRAFIA 2. ARTES VISUAIS

**I. TÍTULO: PRISMAZINE #02 : MECUNÃ KÉRUPI ANÉ /IMAGENS DE
POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ**

CDD - 770

CDU - 77



*TODA
VIDA
DÁ UM
LIVRO.*

No entanto, nem todas as formas de existência tem sua trajetória no mundo biografadas, ficcionadas ou meramente registradas.

SOBRE A PRISMAZINE

E A S

S I N G U L A R I D A D E S


D A L U Z

Toda vida dá um livro. No entanto, nem todas as formas de existência tem sua trajetória no mundo biografadas, ficcionadas ou meramente registradas. Ao longo da história da fotografia e da visualidade contemporânea, corpos e corpos dissidentes dos regimes de poder e verdade não são abordados igualmente aos corpos e existências construídas dentro da norma.

Vidas negras, corpos femininos, corpos lgbtq+, via de regra são apresentadas em contextos de violências diversas. Em relações assimétricas de poder, objetificadas por câmeras ao longo de gerações, agora produzimos as fotografias, fabulamos memórias e disputamos a atribuição de sentidos a nossas imagens.

Por tais razões, o tema de nosso programa de formação é “imagem, experimentação e memória”. E foi dessa perspectiva que propusemos às/aos tutores de nossos três ateliês Singularidades da Luz que discutissem entre seus pares relações entre fotografias e lembranças nos seguimentos de ‘negritude’, ‘gênero e sexualidade’ e ‘ povos indígenas do Ceará’. Assim, tinham por fim pensar coletivamente estas publicações que agora lemos.

Uma zine é também uma corpa dissidente da normatividade editorial. Uma ou mais vozes, mãos, olhos, percepções urgentes de verdades pessoais e provisórias, de fato urgem por se espalhar feito capim, por chegar rapidamente a outros. Se o livro com sua ABNT é a morada de teses e dissertações, a zine tem vocação para o ensaio. Não apenas para servir de suporte para tal gênero textual, mas para, como



ele, sem pretensões a macroverdades testadas previamente nas academias, ensaiar seu caminho e sua forma enquanto vai sendo feita. Com a força da imagem da prisma, o Ifoto busca desconstruir a luz una de qualquer verdade e deixar que as coletividades autoras das edições de nossas zines recomponham as luminosidades em arranjos efêmeros e coloridos de perspectivas diversas. Que a prismazine seja uma experiência decolonial até onde seus saberes e fazeres a permitam ser. Que partilhe as lutas, mas também os prazeres de existências diaspóricas e dissidentes. Que celebre a vida, posto que esta zine nasce em dias que, das maneiras mais óbvias, precisamos reafirmá-la. E aqui o fazemos.



FORTALEZA - CEARÁ, 25 DE ABRIL DE 2021

IGOR CAVALCANTE E FELIPE CAMILO
ORGANIZADORES DO PRISMAZINE

M E C U N Ã K É R U P I A N É

O mundo, talvez, nasça do sonho de um indígena muito antigo, no começo dos tempos, onde não havia luz, nem o barulho dos rios correndo livres. Antes desse mundo já havia algum tipo de humanidade, porém não uma capaz de sonhar, e assim criar um mundo. Hoje, em meio ao avanço do capitalismo desenfreado, que consome recursos naturais e não nos deixa nem ver a luz e nem escutar o barulho do rio (esse soterrado nas grandes cidades), temos a missão de sonhar novamente. Assim, trazemos nesta publicação sonhos de vários artistas indígenas do estado do Ceará, que, espalhados por pequenas ilhas de território tradicional, criam mundos melhores no seu ativismo, pesquisas e principalmente através da arte.

Os trabalhos dos artistas nesta publicação não são somente arte, são ecologia, memória, resistência secular, e sonhos, que precisamos reparar: que imagens cultivamos a partir disso?

As obras aqui lançadas devoram a pergunta anterior como a natureza a seus corpos, metamorfoseando suas existências. Fotografias, desenhos e textos que integram esse “livrim” - nome afetivamente fornecido a ideia quando começou a se materializar - carregam em seus processos de feitura a intrínseca relação do humano e sua interdependência com os meios e com os tempos - a tal da natureza. Cada produção destinada a esse espaço é uma constelação de saberes nas cosmologias indígenas - de Tapeba, Potiguara e Kariri a Tremembé, dos Tapuia Kariri aos Pitaguary e Anacé, dos Gavião e Kanindé aos Karão..

“Eu tive um sonho” e “Eu sonhei com” foram frases que integraram, em diferentes locais, as falas que estiveram presentes nas narrativas durante os encontros que ocorreram com artistas sobre seus processos artísticos e de escolha das produções. Seja sonho como encontro e convivência em momento de descanso e silêncio físico, seja sonho como plantação, seja sonho como sussurro da memória; no que se refere aos povos das fronteiras do território cearense, os sonhos são ancestrais presentes tanto reivindicando retomadas, como guiança de corpos e espíritos que experimentam esse percurso que é a vida. O sonho é parte pulsante num cotidiano

desgarrado de desesperos materiais, onde permite que portas se abram para cocriação com Universo em todas as suas manifestações na Natureza.

A participação de artistas indígenas e suas obras na produção desse material são flechas disparadas contra os projetos de apagamento das nações originárias. Um movimento que rasga os espaços e que, com a possibilidade de perceber seu trajeto fotografado, desenhado e escrito, permite que reparemos nas pluralidades que permeiam esses artistas e em seus modos de estarem em contato com mundos. Ao contrário das proposições classificatórias e monetárias - cheias de categorias, datas, exclusões e exclusividades - da indústria e do mercado da Arte, o fazer artístico é livre e intrínseco às singularidades de cada ser, desde muito antes da comercialização de ferramentas, máquinas e suportes que, ao longo dos tempos, serviram mais para selecionar, excluir e propagar ideias de superioridade do que para expandir imaginações e possibilidades de sentir os mundos.

E ainda, quando você, que está conosco folheando nosso livrim, ler Mecunã Kérupi Ané na capa, vai estar lendo um sonho plantado para o presente e futuro, através de artistas conscientes de que há um mundo por vir, que iremos reflorestar, limpar os rios, retomar a terra a partir da arte. Nosso livrim é mais uma semente carinhosamente colocada na Tamain, a mãe terra, para que outros artistas dos diversos povos sintam que também podem sonhar seus projetos e jornadas.

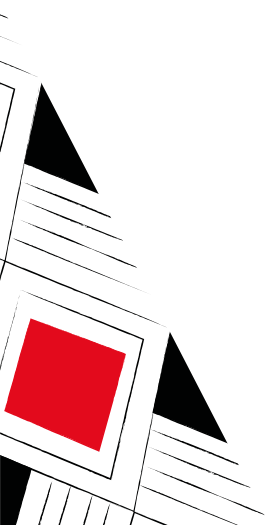
FORTALEZA - CEARÁ, 25 DE ABRIL DE 2021

IAGO BARRETO E KA

TUTORES DO ATELIÊ

SINGULARIDADES DA LUZ

- POVOS INDÍGENAS E IMAGEM





A L L E F F
U T A H I T A P E W A

PRISMA
9 ZINE

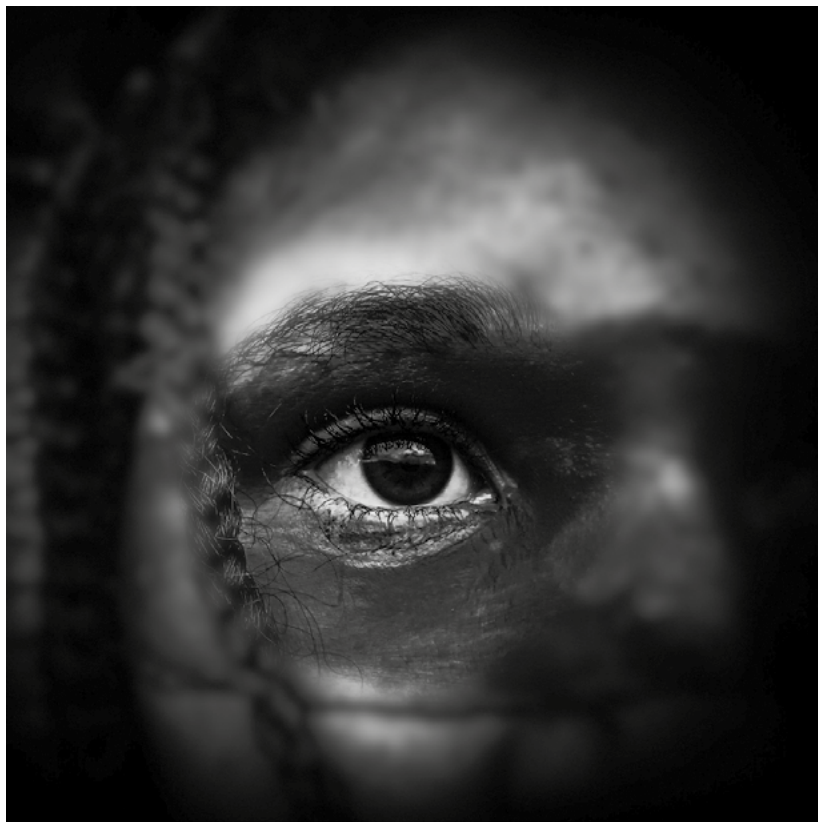


Allef_fotografia

A nossa história, queremos terra demarcada vida garantida

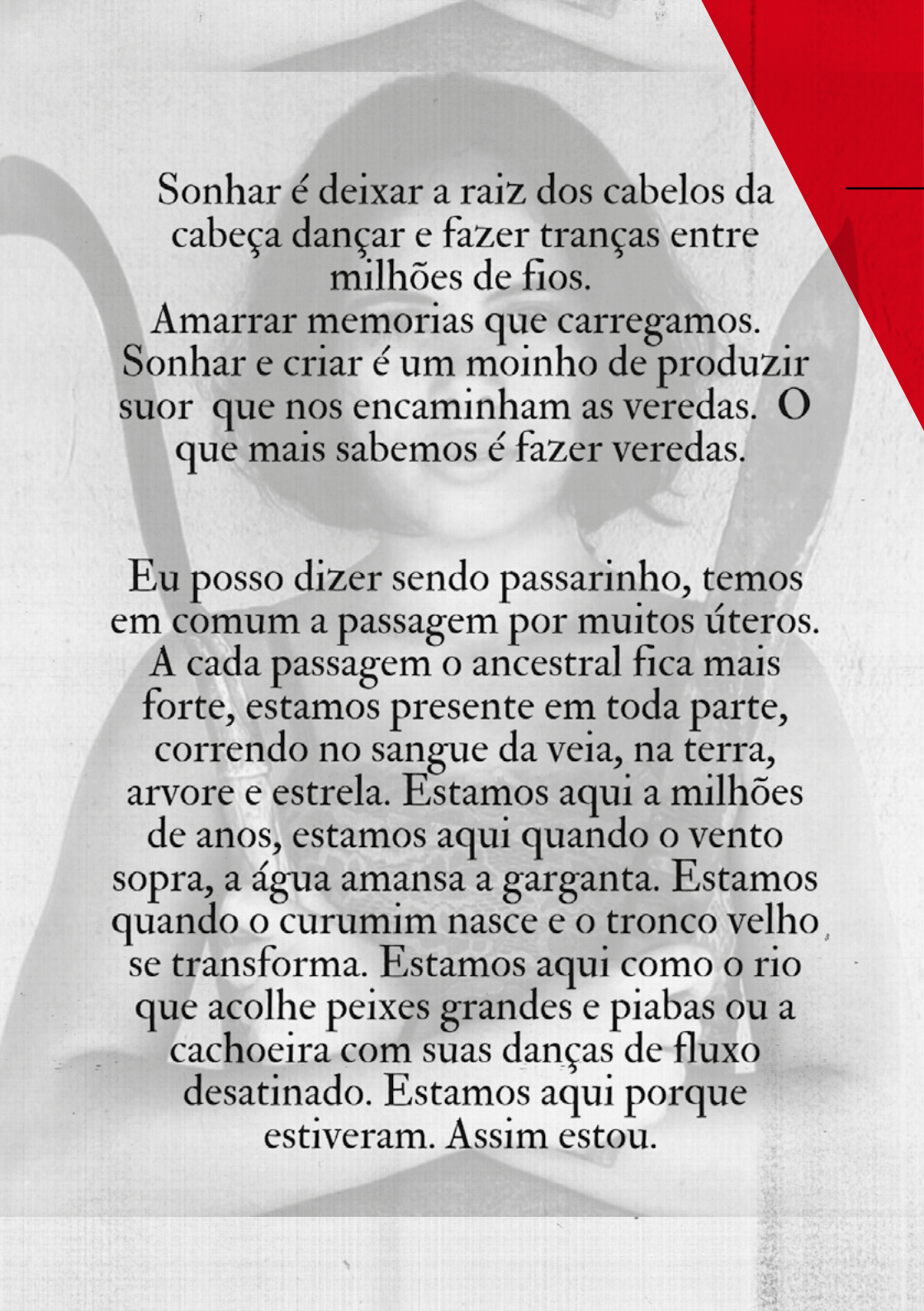


B Y Y A K A N I N D É



Sou Bya Kanindé, militante do movimento indígena do estado do Ceará, fotógrafa, monitora do Museu kanindé, fotografia para mim sempre foi algo encantador, deste meus 15 anos de idade faço registro.

Na fotografia encontro conexão com meus encantados da natureza, das matas, dos rios, eles me mostram o que devo fotografar, através de paisagens, com meu autorretrato, posso me identificar como uma guerreira ou um encantado dentro de mim.



Sonhar é deixar a raiz dos cabelos da
cabeça dançar e fazer tranças entre
milhões de fios.

Amarrar memórias que carregamos.
Sonhar e criar é um moinho de produzir
suor que nos encaminham as veredas. O
que mais sabemos é fazer veredas.

Eu posso dizer sendo passarinho, temos
em comum a passagem por muitos úteros.

A cada passagem o ancestral fica mais
forte, estamos presente em toda parte,
correndo no sangue da veia, na terra,
arvore e estrela. Estamos aqui a milhões
de anos, estamos aqui quando o vento
sopra, a água amansa a garganta. Estamos
quando o curumim nasce e o tronco velho
se transforma. Estamos aqui como o rio
que acolhe peixes grandes e piabas ou a
cachoeira com suas danças de fluxo
desatinado. Estamos aqui porque
estiveram. Assim estou.



B A R B A R A

PRISMA
13 ZINE

M A T I A S K A R I R I





F A G N E R

PRISMA
ZINE
15

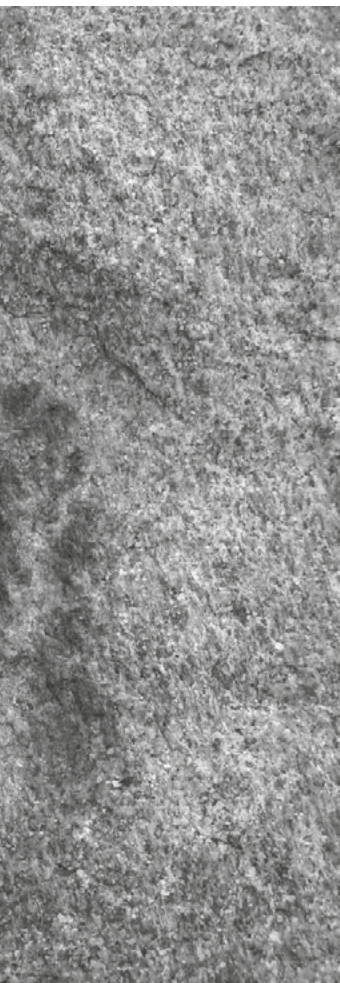
W I R Á W A S Ú G A V I Ã O

**PINTURAS RUPESTRES:
PINIMA SÁ KUXIIMA ITÁ WARA**


O pai foi saber das pinturas rupestres a primeira vez na década de 40 ,ele foi saber através do pai dele ,ele relatava em conhecer sobre essas pinturas rupestres ,trabalhava por perto e fazia o jeito do desenho na terra com o dedo explicando como era as pinturas na pedra.

O local das pinturas rupestres da pedra encantada fica no riacho da onça localizada na aldeia Boa vista. Quando o pai foi procurar o local das pinturas rupestres foi logo depois da década de 40 ,foi difícil de localizar a pedra e é por isto que a pedra leva esse nome de pedra encantada do riacho da onça. A cachoeira dos leva esse nome porque era muito funda ,parecia um olho d'água e muitos animais caíam dentro e morriam e com o tempo começaram jogar pedras para enterrar ,para os animais não caírem mais.

Os mais velhos acreditam que as pinturas rupestres são feitas de sangue de animais e seu significado é que nosso povo passou por aqui ,nossa identificação e representa o povo do Ceará. O riacho da onça tem esse nome porque tem uma furna onde os mais velhos falavam que era moradia de onça e o riacho da careta se inicia e fica na aldeia pelada , que liga a cachoeira dos inferno.







A C A U Ã P I T A G U A R Y

PRISMA
17 ZINE

Olá, me chamo Raquel sou do povo pitaguary tenho 25 anos. Mais conhecida como Acauã pitaguary.

“Acauã” é meu nome indígena que significa “grande ave de rapina”.

Me descobri indígena aos 13 anos de idade através do meu avô materno.

Desde então fui morar na aldeia do meu povo e conhecer mais sobre minha cultura, uma das riquezas que aprendi sobre minha cultura foi a pintura corporal indígena que pra mim é algo rico e muito gratificante.

Faço pintura corporal há mais ou menos 5 anos e decidi me especializar nessa arte por independência na hora de fazer a minha própria pintura.

Você poder levar sua cultura a frente mostrando as suas raízes é algo muito importante e prazeroso pra mim.

Uma das minhas primeiras pinturas foi em mim mesma é no Marlon foi feita no dia da nossa festa do milho onde comemoramos essa data anualmente no mês de julho.

Marlon é filho de um dos caciques do meu povo.

Quando Marlon ganhou sua primeira pintura ele ia fazer um mês de vida.

Desde esse dia até nos dias de hoje eu que faço a maior parte das pinturas do meu pequeno.

Nós dois temos um vínculo muito forte que pra mim é algo inexplicável, digamos que o nosso amor é grande pois não há outra explicação pro nosso vínculo.

Marlon hoje em dia tem 4 anos e ele é pra mim como um filho, um serzinho muito especial na minha vida.



Meu nome é Thaís Hellen, tenho 14 anos, sou indígena do povo Pitaguary, estou no 9º ano, sou palestrante, atualmente participo do grupo de juventude indígena da minha aldeia, sou monitora do museu indígena Pitaguary e guia das trilhas ecológicas.

PINTURAS INDÍGENAS

A pintura serve de proteção da alma, mesma coisa das fitinhas vermelhas nas crianças recém nascidas, pra tirar mal olhado.

Mas a pintura principalmente serve para marcar nossa identidade Pitaguary perante outras etnias e perante a sociedade.

Os materiais que utilizo são a Tinta do jenipapo, o urucum, o carvão, água ou algum tipo de óleo para misturas com urucum, também utilizo palitos de Palha de coqueiro ou carnaúba.

Também da pra utilizar argila (tôa) mas não temos na aldeia.



Ywy yandé, Nheennga eré wira wasu ywytira potyguara
tupana sé

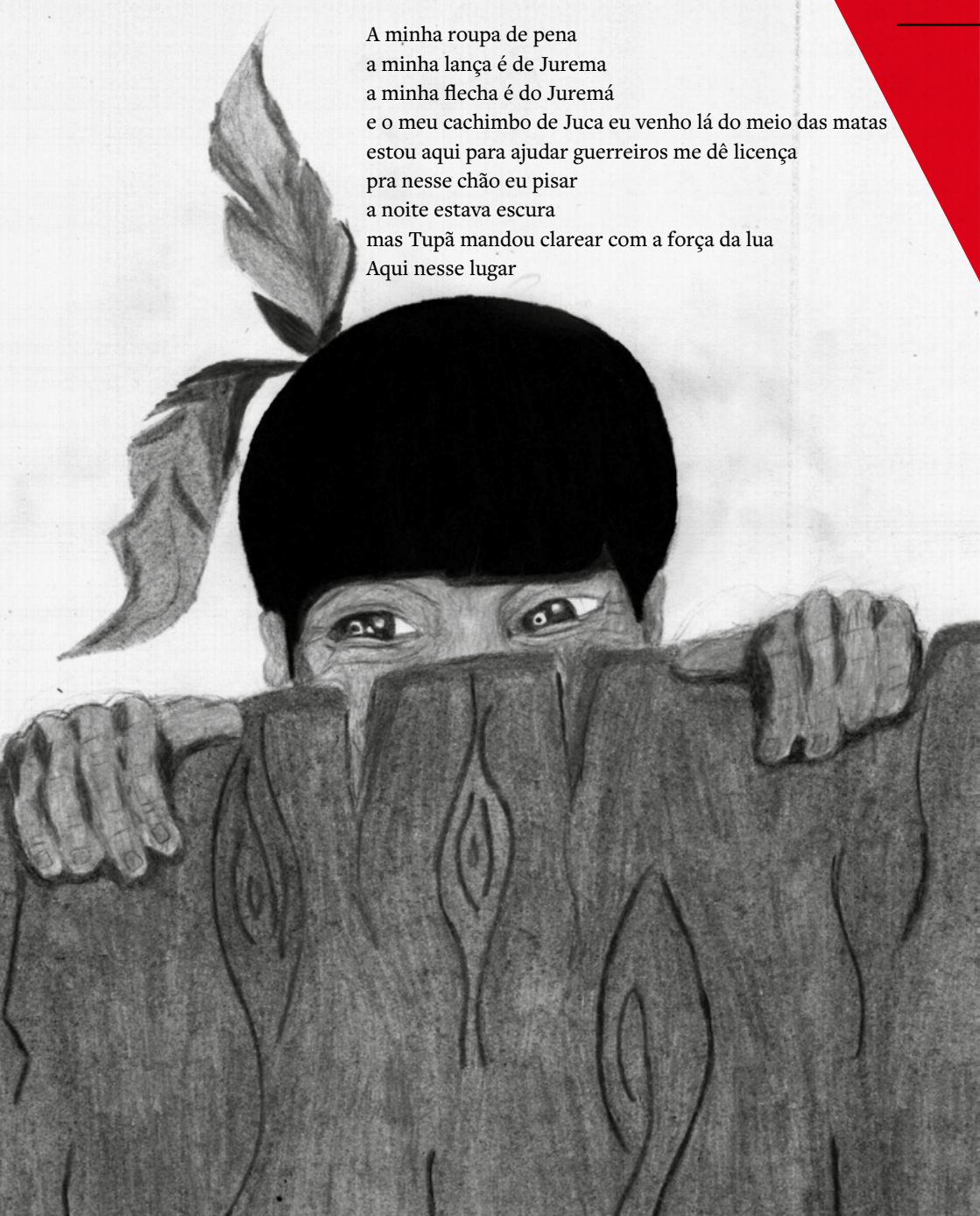
JARDEL POTIGUARA

PRISMA
21 ZINE



A terra já é nossa , a língua também é gavião do pé do morro potiguara tupa sé

A minha roupa de pena
a minha lança é de Jurema
a minha flecha é do Juremá
e o meu cachimbo de Juca eu venho lá do meio das matas
estou aqui para ajudar guerreiros me dê licença
pra nesse chão eu pisar
a noite estava escura
mas Tupã mandou clarear com a força da lua
Aqui nesse lugar



JUNIOR POTIGUARA

PRISMA
23 ZINE



Jabuti!

De acordo com a
Mentoria é sinal de alma
antiga; símbolo ancestralidade,
nemete muito aos encantados e
suas linhagens.

No Plano espiritual
também representa
longevidade, saúde e
Metas alcançadas.



Rodrigue
Frenembé

02.02.21

R O D R I G O
T R E M E M B É

PRISMA
25 ZINE



Nós somos a própria história, somos a resistência da ancestralidade que habita entre nós. A fonte dos saberes permanece viva através da luz encantada do grande espírito. Somos terra, água, fogo e ar. Somos frutos daqueles que morreram lutando pela liberdade.

A nossa existência sempre será um incômodo para sociedade; através de lutas vamos garantir o direito à vida e a proteção das nossas sementes. Sempre serei uma árvore que vai para eternidade, mas deixarei grandes sementes de lutas na terra.

Algum Pedro Álvares Cabral já tentou invadir sua terra hoje?

L U C A S

PRISMA
ZINE
27

S Y P I A K A R I R I

Foto: Lucas Kariri.



Yetçândé yboá ay (própria) woroy, yboá ay (resistência) ayby (ancestralidade) dó (habita entre) Yetçândé. Ay (fonte) ayby (saberes permanece viva através) ayby sipy (encantada) ayby yee warakidzã. Yboá raddá, dzú, buyê andé (ar). Yboá (frutos) aybyhoho dó (morreram) (lutando) amé (liberdade).

Ay dzudé (existência sempre será) bihé (incômodo) mó (sociedade; através) ayby Teudiokié Bocuwyá (garantir) ay (direito) ay ybá ay ay proteção ayby dzudé (sementes. Sempre serei) bihé hesã dó ditery mó (eternidade,) nerú (deixarei) yee (sementes) ayby teudiokié anrá raddá. (*Dzubukuá Kipeá*)

Algum Pedro Álvares Cabral já tentou invadir sua terra hoje?



ADRIANE OLIVEIRA PRISMA ZINE
29





I A G O

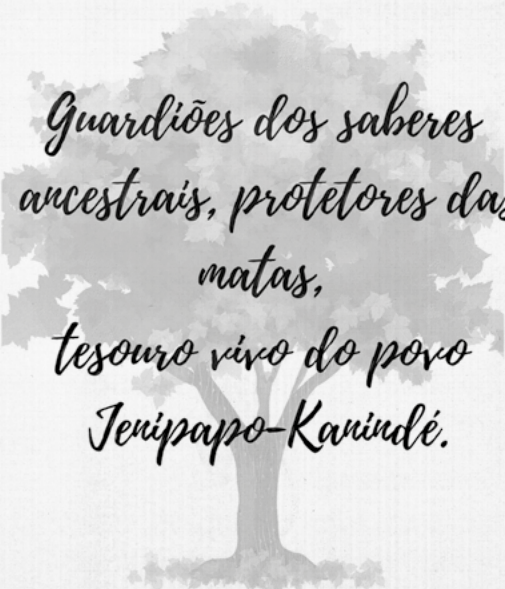
J E N I P A P O -

K A N I N D É

Guardiões da Encantaria

→ do ←

Povo Jenipapo-Kanindé



*Guardiões dos saberes
ancestrais, protetores das
matas,
tesouro vivo do povo
Jenipapo-Kanindé.*

Tejuparés.....

Tu que és sagrada
Abraça quem chega
Aconchega à quem entra
Mostra -te tua serventia
Deixe que vejam seu valor
diga a todos que você é fruto
da fúria com amor...
Fúria para resistir
amor para acolher
Espaço para abraçar
A quem de fora chegar
Entre na Tejuparés
Sinta seu amor
Pois ela é uma divindade
um espaço acolhedor

MERREMII KARÃO
JAGUARIBARAS

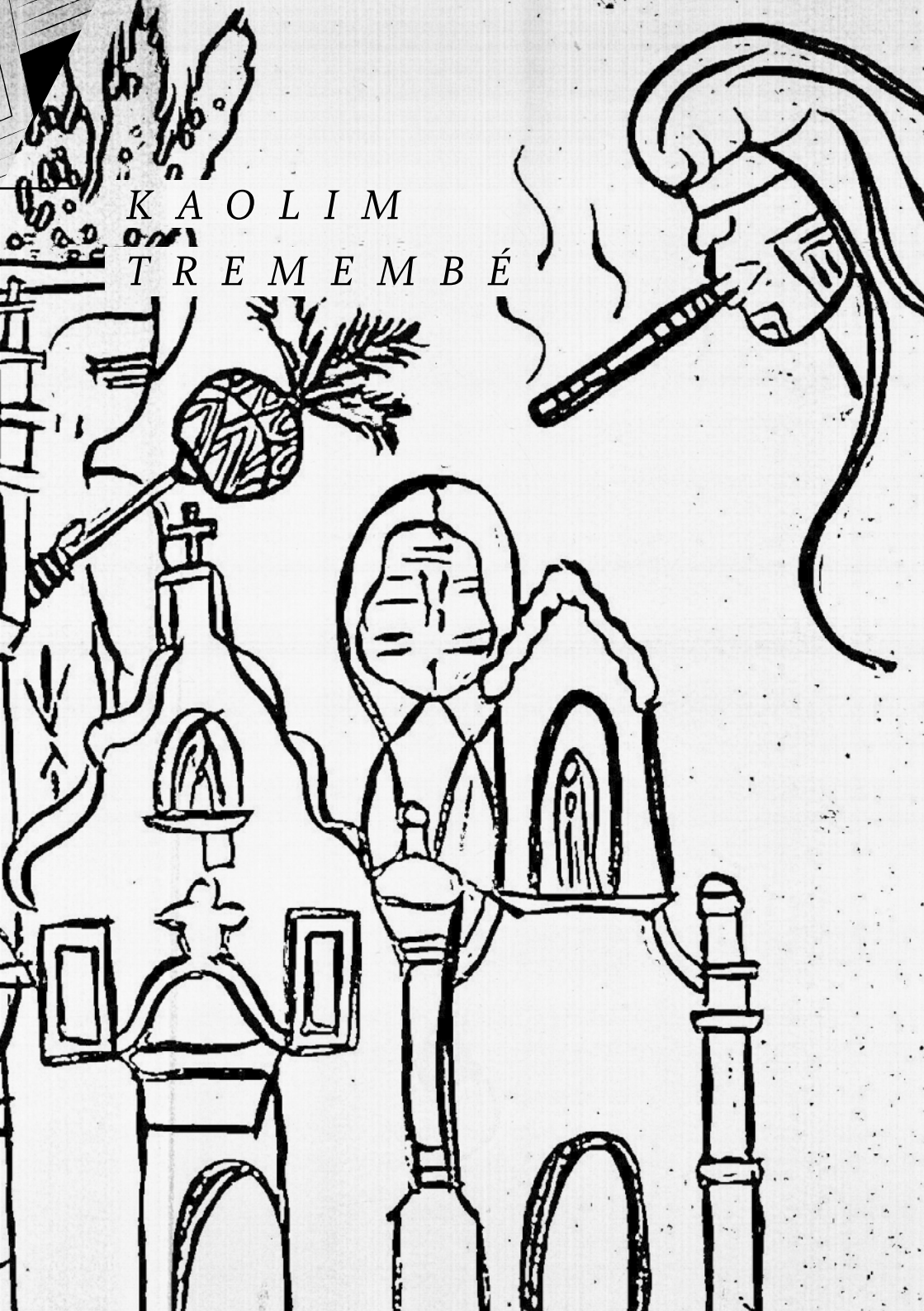
PRISMA
33 ZINE

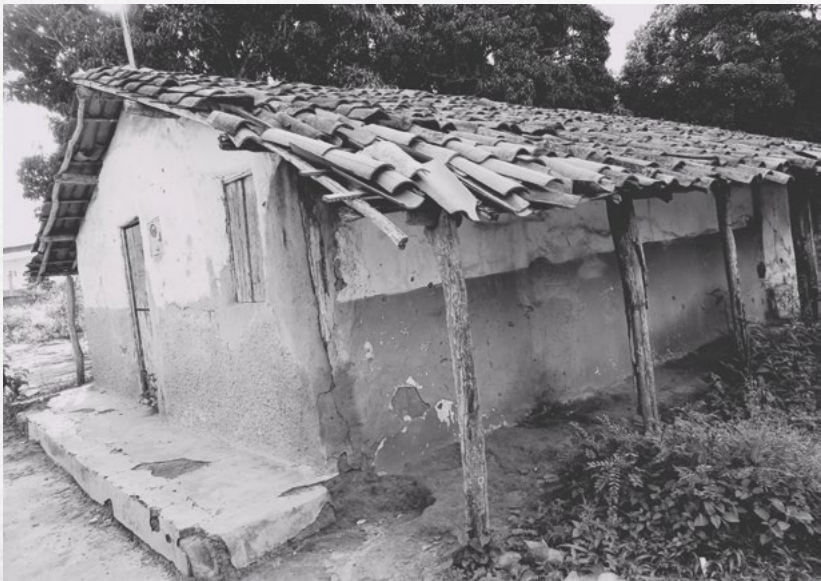


Durante as décadas de 50/60, o povoado de Almofala foi soterrado por alguns quilômetros de colina. A igreja local foi igualmente soterrada. Com ajuda dos índios e a ação dos ventos foi retirada durante cada verão.



K A O L I M
T R E M E M B É







M E S S I

T A P U Y A K A R I R I

POVO TAPUYA KARIRI

Município: São Benedito - Carnaubal

A Casinha: “Local Fundamental pro desenvolvimento do povo tapuya Kariri”

A imagem ao lado retrata um dos principais símbolos dos povos indígenas da etnia tapuya kariri,Essa casinha foi adquirida com o esforço do pajé do Sr Sebastião Pedro da Silva (tio sé) a casinha como é chamada por todos da aldeia. No ano de 2006 se tornou sede da associação indígena na época com 38 pessoas reconhecidas como indígenas.No mesmo Ano também recebe a criação da primeira sala de aula de jovens e adultos,um local simples más cheio de esperanças,resistiu a muitas lutas junto com aquele povo.

Nessa outra imagem podemos acompanhar a casinha e nela acompanha a sombra de uma Índia que junto com o seu povo buscou e lutou pelos seus direitos.

Andrea Rufino hoje conhecida popularmente como Andréa kariri primeira professora indígena na Aldeia. Uma Mulher que resistiu a muitas lutas as principais delas o Racismo,as ameaças dos brancos,e principalmente o preconceito junto com todo o seu povo.

Mesmo com muitas lutas conseguimos nossos direitos resistiu pra existir,e hoje cacique, e diretora da escola indígena dos tapuya kariri Andrea kariri leva consigo a força da mulher indígena com uma aldeia organiza que luta pelos seus direitos e sua principal característica er dizer que povo tapuya kariri bombeia más não arreja.

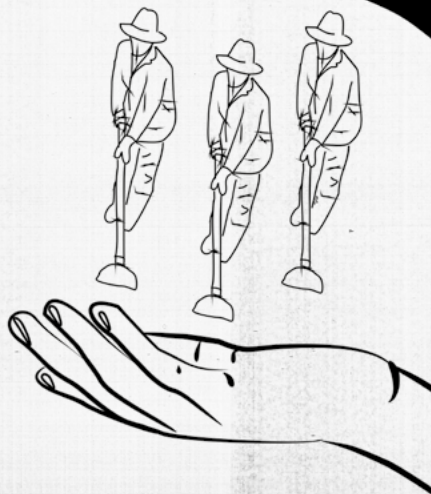
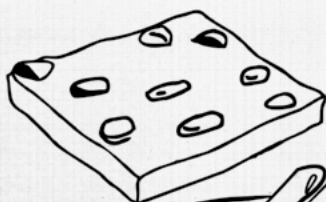
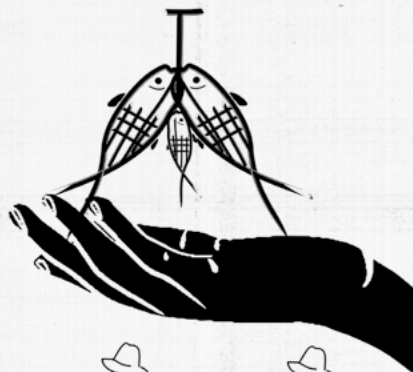
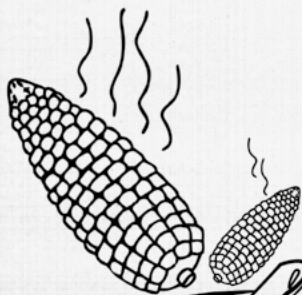
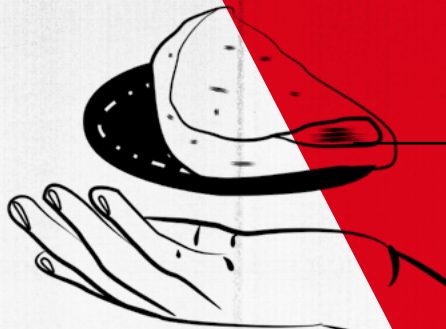
Diga ao povo que Avança ! Avançaremos

Autor: Messetapuya



MINHA HISTÓRIA COM A FOTOGRAFIA

Sempre tive muita dificuldade em me definir, mas através da fotografia essa tarefa ficou mais natural, porque através da arte de fotografar eu me defino. Os encantos pela fotografia me afloraram muito cedo, pois ainda criança senti despertar em mim a admiração e o amor pela mesma, mas infelizmente o meu acesso as tecnologias fotográficas da época não eram facilitadas, uma vez que minha família não tinha máquina fotográfica. Com o conhecido avanço tecnológico, as facilidades começaram a aparecer, pois os então novos celulares passaram a vir com câmera, proporcionando assim a acessibilidade para fazer fotografias. Em 2018 na Reserva indígena taba dos Anace eu nasci como fotografa indígena. Senti uma necessidade de ter uma relação mais profunda com a fotografia, e em uma de minhas primeiras experiências, com apenas um celular saia pela mata fotografando os encantos da natureza. Já profundamente envolvida com a oitava arte, resolvi então criar um instagram para compartilhar aquela arte com outras pessoas, mas queria um equipamento melhor porque o celular já estava se tornando ultrapassado, por conveniência foi o período em que recebi meu primeiro dinheiro da bolsa que era 400 reais, não pensei duas em investir naquilo que fazia minha mente viajar e o coração encher de alegria. Peguei 250 e comprei uma máquina, cheia de marcas de uso, com alguns defeitos, mas tirava fotos com uma qualidade melhor do que o celular e me senti realizada. Ali eu estava construindo minha caminhada na fotografia que estava só começando.



Raphael Anacé

A PARTILHA ANACÉ

O princípio da partilha é algo internalizado na identidade indígena do povo Anacé. Um valor que se aprende com a família e leva para toda a vida. É normal no cotidiano ser agraciado com uma ou outra oferta, entregue por um familiar ou vizinho.

As dádivas partilhadas variam entre os mais diferentes itens, sendo predominantes no campo da culinária, colheitas, coletas e pescaria.

O fator surpresa quando se recebe algo é o ponto alto da partilha, pois não precisa de uma motivação manifesta de quem recebe, pois o gesto é baseado na atitude e vontade de quem oferece. Não é porque mereço que eu ganho, eu ganho porque faz parte da natureza do outro partilhar e ele sente a necessidade de dividir aquilo que tem. Como um arranjo, trato ou pacato social as regras da partilha são claras: eu oferto porque sei que uma hora ou outra irei receber algo de alguém, e sendo que não necessariamente será de alguém com quem eu tenha partilhado, criando um ciclo de partilha onde todos ofertam e todos recebem.

Dessa forma, faz parte do cotidiano receber um prato com tapiocas de coco, um bolo de macaxeira, ou de massa carimã, uma banda de Jerimum cultivado no terreiro, uma penca de banana que vem de um cacho enorme que saiu da bananeira que aproveita a água cinza da casa, um punhado de feijão para um cozido ou baião, dois ou três peixinhos (ou até mais) resultados de uma boa pescaria, algumas espigas de milho cultivadas no quintal, cocos, cajús, acerolas, melão, ata, maxixe, batata doce, macaxeira, quiabo, limão, goiaba, ou outra riqueza que mostram não apenas a fertilidade da Terra Anacé, mas o sentimento e de partilha do nosso Povo!

Thiago Anacé - Professor Indígena Anacé, Pedagogo e Mestre em Sociologia. Liderança da Reserva Indígena Taba dos Anacé





J É S S I C A A N A C É

PRISMA
43 ZINE

Sou uma jovem de 16 anos me chamo Jéssica Anacé, estou cursando o 2º ano do ensino médio, quero me forma em jornalismo, Eu sempre falo da forma imensa e mansa o que é ser indígena e o que é ser do meu povo ANACÉ é uma paixão de corpo e alma, tenho um amor pelo que eu Faço, sou amante por fotografia, Faço parte da juventude indígena e sou umas das monitoras do projeto cine japuara, gosto muito de ler inclusive sobre as histórias antigas e sobre romance também. Faço crochê, aprendi com minha avó isso passou de geração em geração. Faço parte do projeto sertão vai virar e mar virar sertão, junto com os jovens da minha aldeia, Faço vários documentários sobre a jornada do povo anacé e quero levar toda a juventude junto comigo, por que sei que vai ser a próxima geração.



R A F A A N A C É

PRISMA
45 ZINE



**PRISMAZINE #02 MECUNÃ KÉRUPI ANÉ / IMAGENS
DE POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ ©IFOTO 2021
PROGRAMA DE FORMAÇÃO IFOTO - TÉCNICA,
EXPERIMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA FOTOGRAFIA /
ATELIÊ SINGULARIDADES DA LUZ**

ESTE PROJETO É UMA REALIZAÇÃO DO IFOTO,
APOIADO PELA SECRETARIA ESTADUAL DA
CULTURA DO CEARÁ, ATRAVÉS DO FUNDO
ESTADUAL DA CULTURA, COM RECURSOS
PROVENIENTES DA LEI FEDERAL Nº 14.017/2020
- ALDIR BLANC.

REALIZAÇÃO



PRODUÇÃO



PARCERIA



INSTITUTO
DRAGÃO
DOMAR



**IFOTO -
INSTITUTO DA FOTOGRAFIA
DO CEARÁ**

IGOR CAVALCANTE
DIRETOR PRESIDENTE

BETO SKEFF
*DIRETOR EXECUTIVO
E DE FOMENTO*

CESAR TEIXEIRA
DIRETOR FINANCEIRO

FELIPE CAMILO
*CONSULTOR DE PROGRAMAS E
PROJETOS*

EMI TEIXEIRA
DIRETORA DE COMUNICAÇÃO

MARCELLA ELIAS
*DIRETORA DE PESQUISA E
INTERCÂMBIO*

LIA DE PAULA
DIRETORA DE POLÍTICAS SOCIAIS

PRISMAZINE

**IGOR CAVALCANTE
E FELIPE CAMILO**

PRISMAZINE/ORGANIZAÇÃO

LIA DE PAULA
PRODUÇÃO/FORMAÇÃO

MARINA MOTA / MAROCE
DESIGN

IAGO BARRETO E KA
*TUTORIA/ORIENTAÇÃO
DE PROJETOS*

AUTORES

ACAUÃ PITAGUARY

ADRIANE OLIVEIRA

ALLEFF UTAH ITAPEWA

BARBARA MATIAS KARIRI

BYYA KANINDÉ

DÉBORA ANACÉ

FAGNER GAVIÃO

IAGO JENIPAPO-KANINDÉ

JARDEL POTIGUARA

JÉSSICA ANACÉ

JUNIOR POTIGUARA

KAOLIN TREMEMBÉ

LUCAS KARIRI

MERREMII KARÃO JAGUARIBARAS

MESSI TAPUYA KARIRI

RAFA ANACÉ

RAPHA ANACÉ

RODRIGO TREMEMBÉ

THAÍS PITAGUARY

AP010

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual
da Cultura, através do Fundo Estadual da
Cultura, com recursos provenientes da Lei
Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

**LEI
ALDIR
BLANC**
CEARÁ



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO





7

FOTO DE CAPA POR
MESSI TAPUYA
GRAFISMOS POR
RODRIGO TREMEMBÉ